

UBES: 60 ANOS EM DEFESA DO BRASIL

PARTE 1

Rafael Minoro* e Artenius Daniel**

ANOS 50 E 60

Nasce a UNES: um passo à frente na organização do movimento estudantil secundarista!

Tem uma música do pernambucano Chico Science (morto em 1997) que diz o seguinte: “Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar”. Com os estudantes secundaristas sempre foi assim. Nunca ficaram parados, constantemente movidos pelo desejo de mudar as coisas. Desde as décadas de 1930 e 1940 eles já se organizavam em diversas regiões do país, dentro das escolas, formando os grêmios dos antigos colégios estaduais, os chamados liceus.

Era uma geração herdeira de um movimento construído em meio aos desafios da grande questão colocada no período: o desenvolvimento nacional. De um lado, o projeto nacionalista de Getúlio Vargas; de outro, vendo o desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek e o projeto das reformas de base encampado por João Goulart. De um lado, com os mesmos ideais dos tenentes da Revolução de 30; de outro, na oposição ao golpe de 37, que estabeleceu a ditadura do Estado Novo.

Mas é o período que vai da restauração democrática em 1945 ao golpe militar de 1964 que marca em especial a história da participação dos estudantes na vida política do país. Nesse intervalo de anos se constituíram forças, identidades e

Em destaque o movimento estudantil secundarista organizado. Durante todo esse período democrático, ele se consolidou como um movimento estruturado, com grande capacidade de mobilização de massas e com uma direção política crítica e contestadora sobre a sociedade, agindo como ator político dos mais relevantes no cenário nacional, influente, criativo e corajoso.

tendências democráticas que criaram raízes e consistência política na sociedade brasileira. Elas foram derrotadas em 1964, mas não liquidadas.

Entre essas tendências e identidades podemos colocar em destaque o movimento estudantil secundarista organizado. Durante todo esse período democrático ele se consolidou como um movimento estruturado, com grande capacidade de mobilização de massas e com uma direção política crítica e contestadora sobre a sociedade, agindo como ator político dos mais relevantes no cenário nacional, influente, criativo e corajoso.

Unidade na diversidade

Mesmo com atuação nos movimentos e grandes campanhas em defesa da meia-entrada e do passe-livre nos ônibus, deslançadas em anos anteriores pela UNE (os secundaristas eram representados através de um departamento dentro dessa entidade), é no final da década de 1940 que a participação dos então chamados “estudantes secundários” se intensifica e ganha maior coordenação.

Os grêmios já existiam. Depois, foram sendo construídas as uniões municipais e mais à frente as entidades estaduais. Essa rede passou, então, a existir e a funcionar, de fato, articulada. O passo à frente era o movimento criar unidade em uma só entidade, para fortalecer a representação e a luta estudantil.

O jornalista Lúcio de Abreu, presidente da UBES em 1950, lembra como teve início o processo da criação da entidade.

Depois de inúmeras tentativas e contatos, porque toda a comunicação era muito difícil naquela época, foi marcado a data do 1º Congresso Nacional dos Estudantes Secundários, no Rio de Janeiro. A UNE não só deu toda a infra-estrutura, como também cedeu a sua sede, na Praia do Flamengo, para que ali se realizassem as plenárias [...] E assim, com uma boa base de organização, foi criada a UNES [União Nacional dos Estudantes Secundários], que elegeu como seu primeiro presidente o potiguar Luiz Bezerra de Oliveira Lima

Colocando um nome diferente da sigla da UNE, o movimento secundarista criava dessa forma mais autonomia, diferenciando-se do movimento universitário, embora fossem parceiros de lutas. Diferentes, mas aliados. Juntos e misturados!



Manifestação da greve dos bondes, Rio de Janeiro, 1956.

UNES é registrada

Eleito em 25 de julho de 1948, o primeiro presidente da UBES, Luiz Bezerra de Oliveira Lima, vai no dia 3 de setembro do mesmo ano pessoalmente no Registro Civil de Pessoas Jurídicas, na Av. Presidente Franklin Roosevelt, 176/2º andar, no Centro do Rio de Janeiro, registrar o Estatuto da UNES. Lá, entre muitos selos, carimbos e rubricas, ele assinala: “inspirada e fundamentada em princípios democráticos, a UNES será a entidade máxima de representação e coordenação dos corpos discentes dos estabelecimentos de ensino secundários do país”.

Abaixo a confusão: UNES vira UBES!

Isso foi em 25 de julho de 1948. Mas deu pra ler direito? O Lúcio falou numa tal de UNES ou União Nacional dos Estudantes Secundários. Bom, é que esse foi o nome inicial. Depois, foi trocado para União Brasileira dos Estudantes Secundários. Entendeu? Lúcio, explica aí vai:

A mudança visou, fundamentalmente, evitar a confusão com a sigla da UNE, diferenciando e dando personalidade

própria à nossa entidade nacional. Isso ocorreu no 2º Congresso [realizado em 1949], que elegeu para presidente o carioca Carlos César Castellar Pinto, que depois passou no vestibular de medicina e transmitiu a presidência para o vice José Teotônio Padilha de Sodré

Colocando um nome diferente da sigla da UNE, o movimento secundarista criava dessa forma mais autonomia, diferenciando-se do movimento universitário, embora fossem parceiros de lutas. Diferentes, mas aliados. Juntos e misturados! Tão unidos que a UBES passou a funcionar na histórica sede da Praia do Flamengo, 132.

UNES x UBES: a fraude e a divisão da entidade

A UBES vinha desde a sua fundação criando condições para ampliar o seu espaço de influência e representação junto aos secundaristas. Os três primeiros Congressos ocorreram dentro das normalidades da disputa no campo das idéias e, cada vez mais, chamavam a atenção dos estudantes. Mas, como toda a história das lutas democráticas no país em algum momento é

interrompida por um golpe, não poderia ser diferente no caso da UBES, entidade que nasceu “inspirada e fundamentada em princípios democráticos”.

O ex-presidente Dynéas Aguiar (1953), hoje vice-prefeito de Campos do Jordão, conta que existiam naquele período, particularmente entre 1950 e 1956, forças reacionárias atuando dentro do movimento estudantil. E foi durante o 4º Congresso, realizado em 1951, em Salvador, que eles resolveram mostrar a cara, desviar o foco do debate de opiniões e apelar para a fraude.

Um grupo minoritário de estudantes dissidentes, vindos de Pernambuco e Minas Gerais, liderados por Paulo Barbalho e Aníbal Teixeira (ligados ao Movimento dos Águias Brancas, influenciado pelo Partido Integralista, de Plínio Salgado), ao perceberem a derrota no Congresso criaram uma série de problemas, retiraram-se da plenária final e embarcaram rumo ao Rio de Janeiro.

Enquanto isso, lá em Salvador, o pessoal elegia com mais de 80% dos votos o baiano Tibério César Gadelha o novo presidente e se desdobrava para tentar contornar o problema da passagem de volta dos delegados para os seus estados. Dynéas lembra muito bem do ocorrido:

No Congresso da Bahia aconteceu o de sempre: a maioria era o pessoal da esquerda e, como de hábito, o pau quebrou. Só que dessa vez o pessoal da direita se retira dizendo que não dava para apresentar a chapa e voa para o Rio. Eles sabiam em qual cartório estava registrada a UBES e forjaram um livro de ata, redigiram a ata e registraram a diretoria. Quando o Tibério chegou, foi para o cartório registrar a chapa vencedora e ouviram: isso já está registrado, já tem uma diretoria registrada. Daí, começou a briga das diretorias. A disputa começou, evidentemente, nos estados, forçando cada entidade estadual a tomar posição sobre qual diretoria apoiar

Mas pouco tempo depois, em 1952, o grupo de Tibério se lembrou que no mesmo cartório estava registrada a antiga União Nacional dos Estudantes Secundários (UNES). Então, com apoio da maioria das tendências políticas de esquerda do movimento secundarista, eles resgatam o antigo nome e, assim, passam a existir duas entidades no país: uma com forte influência dos integralistas e outra marcada pelas idéias do Partido Comunista. Como prova do seu autoritarismo, os integralistas expulsam a UNES da sede no Flamengo, que continua o trabalho nas entidades de base, mas fica sem um local fixo para as suas atividades.

A reunificação: caminhos diferentes que levam ao mesmo fim!

Em português claro, durante algum tempo foi assim que funcionou o movimento: uma

entidade considerada de direita, que era a UBES, e outra considerada de esquerda, que era a UNES. Mas a unificação já vinha sendo pensada com mais objetividade desde 1953, quando Dynéas assumiu a UNES e Aníbal Teixeira a UBES. Ambos chegaram a ter conversas nesse sentido. Conta Dynéas:

Começamos a desenvolver um trabalho de unificação. Eu entrei em contato direto com o Aníbal. A gente sentava, discutia, marcávamos primeiro todas as diferenças, depois víamos o que era possível fazer, o que era possível discutir. Começamos a ver que a gente marchava junto, cada um na sua esfera de influência, mas pelo menos com uma certa unidade

Após o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, e a eleição de Juscelino Kubitschek, em 1955, uma nova perspectiva começou a se formar na política brasileira, refletindo inclusive no movimento estudantil secundarista, já que Aníbal apoiava JK e o presidente tinha um canal de diálogo sempre aberto para as entidades estudantis.

Nesse período, a UNES continuou realizando congressos e elegeu em 1956 Helga Hoffman a primeira mulher presidente da entidade. Na UBES, quem assume naquele ano é José Luis Clerot, considerado o “presidente da reunificação” porque, sem restrições e mantendo até mesmo admiração pela atuação política da esquerda, foi quem conduziu o processo de aproximação entre as duas entidades. Ambos começam então a costurar as vias de uma unificação.

Dessa forma, as diferenças e conflitos ideológicos foram pou-

co a pouco sendo dissolvidos. As reivindicações eram cada vez mais comuns, como as lutas pela reforma do ensino, por mais vagas nas escolas e contra os aumentos de mensalidades. Outra luta importante desse período, que merece ser destacada, foi a campanha que paralisou os bondes do Rio de Janeiro, em 1956, contra o aumento nas passagens.

Conversa aqui. Discute ali. Pensa acolá. Debate mais um pouco e as duas entidades então resolveram convocar em 1956 um congresso em Porto Alegre para que enfim fosse proposta a reunificação.

Ambas se unem sob o nome de União Brasileira dos Estudantes Secundaristas e elegem Clerot para mais um mandato. Daí pra frente, reunificada, “a vida continuou”, como gosta de dizer Dynéas...

1956: a revolta dos bondes e a unificação

A maior prova de que uma UBES unificada era capaz de ampliar e fortalecer ainda mais a luta pelos direitos dos estudantes deu-se quando estouraram no país as campanhas do final da década de 1950 contra o aumento das passagens nos bondes do Rio de Janeiro. O ápice aconteceu em maio de 1956, no primeiro ano do governo Juscelino Kubitschek.

A companhia *Light and Power*, que monopolizava o transporte dos bondes, ameaçou reajustar as tarifas de um para dois cruzeiros. O bonde era uma condução usada por quase todos os estudantes por causa do seu baixo preço. A partir daí, liderados pela força e irreverência dos estudantes secundaristas uma série de protestos começou a pipocar pela cidade, tendo à frente

A campanha pela nacionalização do Petróleo iniciada em 1947 teve à sua frente, além da força do movimento estudantil, um personagem ilustre que ajudou muito na concepção do movimento: o escritor Monteiro Lobato.



Ato político da campanha "O petróleo é nosso!"

a União Metropolitana dos Estudantes (UME) e o seu presidente José Batista de Oliveira Júnior.

Nas palavras de José Clerot dá para sentir o tamanho da mobilização e a importância que ela teve na unificação das entidades:

Havia uma proximidade muito grande das bandeiras de luta e naquele momento começamos a fazer um trabalho comum. Na campanha contra o aumento dos bondes, nós conseguimos parar o Rio de Janeiro, a tal ponto que o Juscelino desceu no [aeroporto] Santos Dumont e não conseguiu ir para Laranjeiras [Juscelino foi de helicóptero ao palácio do catete]. Distribuímos os estudantes em vários piquetes pela cidade. No final, a quantidade de bondes parados era maior que o Maracanã. Tenho um jornal da greve que aparece a foto dos dois presidentes [da UBES e da UNES] na capa. Inclusive, com o prédio da UNE cercado pela polícia

A campanha paralisou o Rio, nos dias 30 e 31 de maio de 1956, e acarretou em enorme prestígio e demonstração da força que tinha a entidade dos estudantes secundaristas.

“O Petróleo é nosso”: Monteiro lobato, os estudantes e a defesa do patrimônio nacional!

A campanha pela nacionalização do Petróleo iniciada em 1947 teve à sua frente, além da força do movimento estudantil, um personagem ilustre que ajudou muito na concepção do movimento: o escritor Monteiro Lobato. A historiadora Maria Paula Araújo resgata a seguinte história em seu livro “Memórias Estudantis”:

No livro “O poço do Visconde”, publicado em 1937, a turma do Sítio do Pica-pau Amarelo descobre petróleo no terreno do próprio sítio. Orientados pelo Visconde de Sabugosa, enfrentam trustes internacionais e conseguem perfurar o primeiro poço de petróleo do Brasil - o Caraminguá nº 1

Dynéas também lembra da participação de Lobato num dos maiores movimentos de opinião pública e de mais intensa participação popular na história da República:

Monteiro Lobato, pouco antes de falecer, ingressou no partido (comunista). Ele influenciou o partido a se envolver nessa luta do petróleo. A lei então

foi para o Congresso numa batalha muito difícil porque lá as forças reacionárias e os entreguistas não queriam aceitar de jeito nenhum o monopólio estatal do petróleo

O movimento ganhou tanta repercussão que teve a capacidade de unir diferentes setores sociais numa mesma campanha. A partir de 1948, o movimento estudantil passa a liderar as principais manifestações e cria a Comissão Estudantil em Defesa do Petróleo. Dynéas brinca que “tinha mais propaganda da campanha do que tem hoje da Coca-Cola ou do McDonald”.

O presidente Getúlio Vargas então atende ao apelo da opinião pública e assina, em outubro de 1953, a Lei nº 2004, que criou a Petrobras. Era a consagração - com apoio dos estudantes e a adesão de amplos setores da sociedade - do sonho de Monteiro Lobato. ❶

*RAFAEL MINORO é jornalista, editor do Portal estudantenet; coordenador do Depto. de Comunicação da UNE e da UBES

**ARTENIUS DANIEL é jornalista, repórter do Portal estudantenet;